

ENTREVISTA

TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA:

da vivência ao legado

GELCEMAR OLIVEIRA FARIASⁱ

A professora Gelcemar Oliveira Farias, docente e coordenadora de ensino da Universidade do Estado de Santa Catarina, apresenta uma trajetória de vida e profissional baseada no amor ao processo de ensino e aprendizagem desde o ensino básico, quando tinha claro que queria ser professora optando pelo magistério. Ela vem deixando seu legado na educação e construindo redes por onde passa. É professora grata aos professores e colegas que teve e que lhe auxiliaram em sua constituição e trajetória. Proveniente de uma educação pública, hoje atua como servidora pública, com olhar humano e atento à diversidade, buscando qualidade, a partir da construção de processos que respeitem a pessoa e à convidem a engajamento e comprometimento. Nesta entrevista, a professora conta como foi a sua trajetória formativa e profissional. Destaca a importância da pesquisa nas escolhas de vida e na formação, da pessoa que atua como profissional, do impacto das metodologias na autonomia, da consciência e do engajamento no trabalho, e, nos aponta, a partir de suas experiências, caminhos para pensar uma formação profissional de qualidade e coerente com a contemporaneidade.

Fernanda de Souza Teixeiraⁱⁱ

1 – Fernanda de Souza Teixeira: Quem é a Gelcemar? Como foi sua trajetória de formação?

Gelcemar Oliveira Farias: Eu sou filha da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), da Escola Superior de Educação Física, tenho um grande carisma pelos professores, valorizo muito a minha formação inicial, os conhecimentos adquiridos, o que eu aprendi na universidade enquanto estudante, bolsista de iniciação científica, participando de alguns projetos de extensão; conhecendo um pouquinho mais da vida dos professores, depois tendo eles como amigos pessoais. Isso me deixa muito feliz! E participar desse momento de formação da construção desse dossiê também me deixa muito tranquila porque durante toda a minha trajetória profissional e de formação acadêmica o nosso primeiro estudo desenvolvido foi na área da Educação Física Escolar, vinculado a prefeitura municipal de Pelotas, nós fomos buscar e fomos conhecer a possibilidade de olhar a situação da Educação Física Escolar no

município de Pelotas e, a partir disso, nasce um projeto vinculado a duas colegas, a Rosane Ferreira Veiga e a Edilene Cunha Sinott, que era o retorno a universidade dos professores, então capitaneado pela Prof^a Mariângela da Rosa Afonso que eu tenho um carinho muito grande.

Então, assim começa a minha trajetória na formação inicial. Mas eu acho que antes de falar da formação inicial eu queria dizer que o que me impulsionou a ser professora foi o curso de magistério, a opção por ser professora, ela nasce lá na educação básica, momento que decido ser professora. Então, a minha decisão de professora, ela nasce quando eu comecei a ser estudante da educação básica no Grupo Escolar Cecília Meireles, em Pelotas, e quando nasce esta possibilidade nasce também uma professora, porque ela sempre quis ser professora, mas quando tu tens aquele impacto de prestar o vestibular, tu sempre ficas naquela dúvida: será que realmente eu quero ser professora? E eu fiquei naquela situação entre alguns dilemas: ou eu quero ser professora de Educação Física, ou eu quero fazer a formação em letras - professora de português, ou eu quero fazer enfermagem na área da saúde, que me atrai bastante; e como toda menina, uma jovem daquela época, a enfermagem, ela era uma formação na qual as enfermeiras trabalhavam sábado, domingo, feriado, 24x12, 24x36, 48, 72 horas, eu tinha uma noção de quase de internato na área da enfermagem, eu disse: assim não, Natal e aniversário é sagrado; não quero fazer isso. Fiquei entre letras e Educação Física e, acho que meu coração pulsou mais pela Educação Física e não, até hoje não me arrependo da escolha profissional que fiz; então aí nasce a escolha pela Educação Física fazendo curso de licenciatura.

Quando eu ingresso na UFPel, novos horizontes se abrem, novas possibilidades de integração, e nisso, já era professora da educação básica numa escola privada em Pelotas, e comecei a ver novos horizontes, e estava decidida, queria ser professora. Mas quando tu tomas esta decisão, tu acreditas que tu vai ser aquela professora que vai atuar 25 anos na educação básica e vai aposentar como professora da educação básica, só que a universidade me mostrou uma outra porta, que é a porta da investigação, da pesquisa, e por convite de uma colega, Viviane Hax, eu... ela disse assim: “Gelce vai ter uma seleção de bolsista de iniciação científica, queres participar?”, e ela já era petiana e eu disse assim: Quero! E fui lá, conversei com a professora Mariângela, e hoje ela é uma grande mentora minha, profissional, acadêmica e pessoal, né!? E, fui selecionada para a bolsa, e ali mudou a trajetória no contexto da formação inicial - eu quero ser professora, queria ingressar no programa de pós-graduação; depois de um ano, participei de dois editais de seleção de PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica) e fui contemplada; passamos nos editais e passei dois anos da minha formação sendo bolsista de iniciação científica, e a minha trajetória mudou, e tive oportunidade de eventos científicos; naquela época (94, 95), tive a oportunidade de conhecer palestrantes, professores renomados, que nós só liamos os nomes deles, e nós não sabíamos se eram vivos ou não; então tive toda esta oportunidade e esta gama de formação que foi muito enriquecedora. E, a ESEF (Escola Superior de Educação Física), na da questão de formar os estudantes, eu acho que ela tem um potencial de professores muito grande, com uma qualidade de formação altamente qualificada, que trouxe e levou alguns professores para outros caminhos né!? Então, a minha formação inicial, ela foi marcada por essas trajetórias, essas diferentes trajetórias, das oportunidades que a universidade pública oferece aos estudantes, e a partir disso, eu fui galgando outros espaços.

E, ao pensar na minha formação inicial, foi muito interessante o meu ingresso na pós-graduação. Logo no último ano de conclusão do curso, havia possibilidade de ter um programa de

pós-graduação na ESEF, em Pelotas, e eu gostaria muito de ingressar; e o professor Piccoli, que eu tenho um carinho muito grande, nós conversamos que nós iríamos analisar os professores de forma decenal, né, a trajetória dos professores de 10 em 10 anos; professores que tiveram formação na década de 70, na década de 80, na década de 90. Como que seria esta trajetória? E ali, sem saber, já estava se construindo uma possibilidade de estudar o desenvolvimento profissional e os ciclos da carreira que se tornaram marcantes para mim, não sei nem se ele lembra disso hoje. Mas um dia eu vou conversar e vou falar para ele. Só que não saiu o programa de pós-graduação, e por convite da colega Viviane, eu fui fazer seleção em Florianópolis; veja, nunca tinha passado, a única ponte maior que eu tinha passado era a ponte do Guaíba, e agora, passar a ponte Hercílio Luz, como é que seria este movimento? E, a partir disso fiz seleção em Santa Maria, que não tive sucesso, e vou fazer a seleção em Florianópolis, e, por sinal, a professora Mariângela me ajudou a concluir o projeto. E não é que eu fui selecionada para a entrevista na Federal de Santa Catarina (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC), e agora!? Vou!

Cheguei aqui (Florianópolis) 5h da manhã num dia distante, e fui fazer a seleção, vai ser quando encontramos pessoas boas no caminho né; fiz a seleção e fui aprovada com o professor Viktor Shigunov, e aí começa uma outra trajetória, muito pautada naquilo que eu tinha como experiência da Mariângela, só tinha esta experiência de formação, e nessa trajetória, conclui o curso de mestrado com sucesso. Neste curso de mestrado, também tive a possibilidade do prof. Alexandre Carricone Marques e do prof. Edson Souza Azevedo também serem ex-professores da ESEF; os quais vieram depois de mim fazer mestrado aqui, então se criou uma parceria com a UFPel; pessoas que eu tenho um carinho muito grande, e concluo a formação olhando pra pesquisa de iniciação científica que eu tive na Federal de Pelotas, eu fui estudar a prática pedagógica dos professores de educação física, e fui estudar a prática pedagógica a partir do tempo da carreira, nisso né, a gente tá com vontade de criar novos horizontes.

Voltei para Pelotas depois da formação do mestrado, da conclusão; atuei um pouco na prefeitura municipal de Florianópolis no MAPEL (órgão da prefeitura que não existe mais), e depois fui buscar outros mercados no campo do trabalho em Porto Alegre. Aí, eu tive a felicidade de ingressar na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), que foi um grande desafio, é..., trabalhar com um curso muito grande, com um curso que tu entra no primeiro semestre já tem 3600 alunos matriculados, então é um desafio de novos colegas, novas diretrizes, nova organização didático-pedagógica de aula e tempo também, mas fui galgando, galgando, depois veio a possibilidade de ingresso na Faculdade da Serra Gaúcha em Caxias, que eu tive grandes amigos, grandes possibilidades de trabalho, uma universidade excelente, e por final a Universidade São Judas Tadeu, que eu tive um tempo trabalhando concomitante nas três universidades, mas eu disse assim: eu quero um pouquinho mais, eu quero fazer doutorado, e gostaria de fazer doutorado com o prof. Juarez Vieira do Nascimento que foi meu co-orientador de mestrado, e eu disse assim: se eu fizer doutorado, eu quero fazer com ele. E fui galgar nisso.

Teve uma primeira seleção de doutorado, na Universidade Federal de Santa Catarina, que não teve inscritos, não saiu a primeira seleção, houve uma segunda seleção, agora eu vou! Tinha uma vida estabilizada em Porto Alegre, trabalho estabilizado, mas eu vou abrir mão desse trabalho, dessa vida para correr atrás de um sonho que eu fui construindo ao longo do tempo. Prestei seleção entre os

candidatos muito fortes, com larga experiência, com a idade mais avançada, com trajetórias totalmente diferentes das minhas, e eu passo em primeiro lugar no doutorado. E aí, ao passar no doutorado, ser aprovada, muda a trajetória novamente, eu tenho que fazer alguns abandonos no mercado de trabalho, tenho que fazer alguns abandonos financeiros para me manter, porque eu morava em Porto Alegre; ia toda a semana, dormia duas noites no ônibus; ia toda a semana para Porto Alegre, para poder desenvolver as atividades do doutorado. Né!? Me arrependo!? Nem um pouco. Foi muito bom! Porque lá eu aprendi o que é ser uma doutoranda, que não é só a tese como produto, mas como se tornar uma doutoranda de espírito, como construir essa trajetória, como construir seu laboratório, como gerenciar grupos e pessoas, como participar de eventos, como ministrar palestras em eventos, como organizar eventos científicos, então, foi uma formação para além da tese e para além da produção dos artigos que eram necessários naquela época. Fiz a opção de não ser bolsista, porque a amarra de ser bolsista não estava nos meus planos naquele momento, mas foi o que eu precisava para poder desenvolver e manter os vínculos com Porto Alegre ainda.

E, fui buscando, tinha ideia, porque no mestrado um membro da banca foi o professor Vicente Molina e ele sempre me disse: “Gelcemar, quando quiser estudar, estuda o miolo da carreira, onde estão os maiores problemas”. Entrei com esta perspectiva de estudar os professores no meio da carreira, mas acabei me apaixonando pelos professores ao longo da carreira e, durante o doutorado eu tive a possibilidade de ser primeira turma do programa de pós-graduação da Educação Física da UFSC, de participar da seleção de bolsa de doutorado sanduíche, tive a oportunidade de passar quatro meses em Portugal, só porque a bolsa foi compartilhada com o professor Ricardo Rezer também, que foi professor do mesmo período que eu, professor da Universidade Federal de Pelotas, e lá eu consegui dar um norte para a tese que eu precisava; aqueles quatro meses de parada, que a gente precisa refletir que a gente tá dedicado somente para a construção do documento. E lá, eu fui orientada pelo professor Amandio Graça, da Faculdade de Desporto, da Universidade do Porto; mas tive a grata satisfação de conhecer a professora Paula Batista que hoje nós mantemos relações muito próximas em termos profissionais e pessoais, e que nós conseguimos desenvolver a tese sobre NVivo, sobre análise qualitativa, que na área da Educação Física, recentemente, estava sendo implementado.

Concluí o doutorado e hoje eu estou aqui, né, carregando dentro do que eu estudei para minha formação, trazendo das pesquisas dos doutorandos um pouco da minha trajetória, um pouco dos ciclos e diversificando os processos de orientação, mas já fui marcada, já foi sinalizado desde a graduação, da formação inicial, que a minha dedicação na carreira profissional em termos de intervenção na docência enquanto investigação seria a formação de professores. E todo mundo pergunta: tu estudas a escola? Estudo, mas meu forte é formação de professores para essa escola! Nessa escola que está aí. Acho que é um pouco do resumo da minha formação inicial e continuada né Fernanda.

2 – Fernanda de Souza Teixeira: Quais são as atividades que hoje tu desempenhas dentro da universidade olhando para a formação de professores?

Gelcemar Oliveira Farias: Então, na verdade, eu vou começar um pouquinho lá atrás né; enquanto professora da ULBRA, a gente já tinha uma perspectiva de montar um grupo de estudos, que tu sabes que é um pouco mais difícil na universidade privada, e também a Faculdade da Serra Gaúcha deu esta abertura, e a São Judas também deu. Mas, ao ingressar no serviço público, uma das grandes perspectivas é atuar nos três pilares, ensino, pesquisa e extensão, e hoje, de forma concreta na extensão. Então, uma grande pergunta do concurso público é, como que eu iria trabalhar com o processo de resiliência na formação de professores? E isso foi uma pergunta muito desafiadora da banca, e o concurso era para estágio e didática geral. Ao prestar este concurso, eu disse: nós temos que nos aproximar dos professores no ambiente da escola, temos que trazer os professores para a universidade e temos que formar um grupo forte e potente de formação de professores. E esse foi um grande desafio.

Quanto tu entras na área pedagógica, nos programas de pós-graduação que não tem esta linha, tu tem que fortalecer a linha, fortalecer as tuas produções e fazer parcerias. Foi isso que eu fiz! Fui estabelecer parcerias com professores de outras universidades e aí, a partir disso, eu me candidato a ingressar no programa de pós-graduação em Educação Física da UFSC, onde ministrei aulas alguns anos e sou muito grata ao programa de pós-graduação, aos coordenadores do curso e ao professor Juarez Vieira do Nascimento que me impulsionou e incentivou a estar lá, compartilhava algumas disciplinas com ele e, a partir disso, eu disse assim: chegou a hora de nós montarmos o nosso próprio laboratório. E, como, muitas vezes, nós não temos ainda alunos para gerenciar inicialmente nós fomos acolhidas pelas professoras Alciane Marinho e Adriana Guimarães, a gente entrou no laboratório LAPLAF, que é de atividade física e lazer; construímos as nossas trajetórias, eu e a professora Alexandra Folle, e após isso, nós dissemos: chegou a hora de nós montarmos o nosso próprio laboratório! Primeiro, fomos acolhidas pelo laboratório das meninas e aí nos montamos o nosso próprio laboratório. E que que nós fizemos!? Vamos estudar aquilo que nós temos de melhor: Formação de professores na escola.

Logo que nós entramos, nós tivemos a possibilidade de fazer um grande evento internacional em parceria com a UFSC, que é o SEPEF junto com NEPEF da Estadual de Rio Claro, e a partir disso fomos nos consolidando, fomos montando todos os nossos experimentos. Foi muito bom falar sobre isso, o que a gente fez enquanto professoras. Nós construímos o laboratório, ingressamos no programa de pós-graduação em 2014, tivemos nossos primeiros orientandos, olhamos para a área pedagógica da formação no ambiente escolar e fomos construindo a nossa trajetória enquanto professores, né!? Fomos expandindo a extensão. Eu tinha um grupo de estudo, que nos encontrávamos aos sábados, para discutir a Educação Física escolar, portanto, unimos professores das escolas, estudantes da graduação e da pós-graduação. A profa. Alexandra sempre teve o CAPEFE, curso de formação de professores, para que a gente pudesse trabalhar dentro dessa dinâmica, nisso houve ingresso da professora Viviane e da professora Larissa que fortaleceram o laboratório na formação de professores e eu disse que até eu me aposentar que nos seríamos um grande centro de formação de professores no estado de Santa Catarina, e este é um grande propósito!

Nós temos dois carros chefes que é o CAPEFE, SEFAPEF, nós temos o SAPE, que é vinculado aos professores da rede municipal. Eu estou um pouquinho mais afastada da extensão, mas continuamos com o processo da extensão e nós tivemos o nosso auge. Foi no ano passado, que nós fizemos o SBECS, que é o Simpósio Brasileiro sobre estágio curricular supervisionado, que nós

tivemos a participação de professores internacionais, professores do nosso núcleo, que estudam a formação de professores, e foi o primeiro passo para inserções internacionais; já estamos no primeiro passo de levar nossos alunos para doutorados sanduiches e fazendo as parcerias externas com a Espanha, com Portugal e assim sucessivamente, para que a gente pudesse pensar essa organização da formação de professores e formação pedagógica. Então, eu penso que nós hoje, a gente tem dado esse passo. Mas, como hoje eu estou mais próxima da aposentadoria, eu acho que nós estamos transformando este legado para os professores novos que estão chegando, para que eles possam redimensionar as suas formações e dar continuidade a proposta que nós iniciamos lá em 2014 com o grupo de estudos e o laboratório.

3 – Fernanda de Souza Teixeira: Como tu percebes a implantação da Resolução 06/2018 e o impacto dela na formação inicial?

Gelcemar Oliveira Farias: Polêmica a resolução! Mas esta resolução já não está mais em vigor hoje, em função da 04/2024. A 04 é soberana sobre ela, e aí, o parecer 05/2025 vem estabelecer que alguns cursos de formação, nas letras, na Educação Física, que tinha entrada pelo ABI, não vão ter mais este processo de entrada; que os cursos passam a ter outros processos.

Eu tenho uma estrutura para pensar essa resolução de 2018, que eu não sou favorável a ela, não sou favorável a ela. Eu penso que nós temos muito de comum licenciatura e bacharelado, que conversam muito bem, mas a forma engessada como ela surge, e sem uma discussão com os grupos, com os pares que estão vinculados as universidades. Eu penso que, o estágio desde a primeira fase não é um problema. Nós tínhamos 600 horas de estágio e agora com a 04/2024 nós temos 400 horas (redução da carga horária). Uma das tendências de algumas universidades é trabalhar no sistema de residência. O aluno começa a ter aproximação com seu contexto de intervenção logo nas primeiras fases como a odonto (Odontologia), a enfermagem, a medicina, e essa seria uma estratégia de aproximação. Então, o estágio não precisa ser como é, mas de uma aproximação com a escola, aproximação com o conhecimento, uma aproximação para a gente verificar quais são os fatores, se realmente o aluno quer ser professor, porque muitas vezes, ele descobre quando chega o estágio na quinta fase, na sexta fase, dependendo do curso.

Então, essa resolução, ela veio, ela trouxe algumas mudanças significativas, que surgiram e promoveram muitas discussões nos núcleos docentes estruturantes, com os coordenadores, com os chefes de departamento, mas que a gente sabia que ela tinha uma contradição, porque as conversas entre os dois cursos hoje, elas se tornam distantes, mas ao mesmo tempo, elas são próximas dentro dessa articulação, mas eu vejo que foi um avanço, foi uma perspectiva sim, mas também por outro lado, esse núcleo comum que nós tínhamos na formação comum na 03/87 ela tinha um grande dilema, ela tinha divisão licenciatura/bacharelado mas muitas vezes os estágios eram desenvolvidos na licenciatura e tu tinha o título de bacharel, e aí como que tu vai trabalhar dentro dessa construção? Não tem como! Existe um viés na formação muito grande. E esse viés foi causado por isso. E aí eu digo: será que nós conseguimos formar bons professores em quatro semestres? Que é o tempo destinado para a formação didático-pedagógica; será que nós conseguimos formar bacharéis em quatro semestres com as competências e as habilidades necessárias que o bacharel necessita? Será que

nós formamos e articulamos a identidade do bacharel e a identidade do licenciado nesse curto período de tempo?

Eu acredito que algumas universidades fizeram algumas amarras para que conseguisse organizar melhor, mas não conheço nenhuma universidade que trabalhou com um ideal e atendeu toda essa perspectiva, conversando com alguns colegas de outras instituições. Mas a Resolução de 2018, ela foi posta, não é!? Que bom que ela está sendo revogada por um lado, mas também por outro lado, fez repensar algumas estruturas de aproximação na licenciatura e no bacharelado. Eu acho que ela fez isso, para além de causar tanta dor de cabeça nos coordenadores de curso.

4 – Fernanda de Souza Teixeira: O que poderias destacar como potencialidades e dificuldades na formação inicial na educação física na contemporaneidade?

Gelcemar Oliveira Farias: Currículos extremamente engessados. A gente ainda forma os nossos alunos da mesma forma que eu fui formada em 1996. Provavelmente da mesma forma que foram formados os professores da década de 1980. Nós precisamos ter currículos inovadores, a tecnologia, ela está aí, e não podemos ir contra, e ela precisa estar inserida dentro dos currículos universitários.

Que bom que tivemos um grande avanço da extensão. Porque é a extensão que nos leva para o ensino da cidadania, da formação de professores, trabalhar com a comunidade, trabalhar com o humano, mas nós precisamos pensar em outras formas de estruturar os nossos currículos. Não podemos mais pensar nos currículos da forma que é, com um grupo muito grande de disciplinas com pré-requisitos, com um grupo muito grande de disciplinas, devemos fazer a organização de currículos pedagógicos mais amplos, saindo da estrutura disciplinar para uma estrutura talvez modular, precisamos ter espaços inovadores dentro da universidade; a sala de aula não comporta mais os nossos alunos. Os espaços de aula mecanizada que o professor ainda está na frente falando com o aluno, o aluno sentado um atrás do outro, especialista em nuca; sem sair da sala de aula, sem diversificar o espaço pedagógico de formação; o professor ainda com a mesma estrutura de aula, não é!?

A gente precisa inovar a universidade! A universidade não pode perder a sua essência, conhecimento erudito, universal, mas a universidade tem que se apropriar de outros elementos, se apropriar da tecnologia, se apropriar de propostas inovadoras de ensino, de espaços inovadores de ensino, para que o aluno, ao sair da universidade, consiga inovar no seu espaço pedagógico de formação. Cobramos dos professores uma inserção no seu mercado de trabalho, no seu “loco” de intervenção, que ele seja criativo, que ele seja inovador, que ele utilize as tecnologias; só que a universidade não está formando este aluno para este novo mercado de trabalho. As escolas privadas são muito inovadoras. Precisamos formar esse aluno para essas escolas privadas inovadoras, precisamos formar os alunos para diversificar o ambiente de trabalho, precisamos formar o nosso aluno para atualidade.

Uma coisa que eu me pergunto, fico pensando muito comigo: Como que nós vamos formar o aluno para 2050? Será que este aluno em 2050 ele ainda vai ter esse mesmo modelo de formação? De aula? Então, acho que essa é uma das perspectivas na contemporaneidade na área Educação Física. Precisamos levar o aluno para fora da universidade, levar os alunos para conhecer outros espaços, ter outras dinâmicas, ter convidados. As universidades apresentam recursos financeiros para isso. Não é

somente a compra de equipamentos e materiais, mas é a contratação de professores, contratação de pessoas para que possam levar o nome e nós trazermos o melhor para os nossos alunos dentro da universidade, e isso é um dos grandes desafios.

Aí vou me pautar um pouco nos estágios, se tu me permitires pensar na contemporaneidade. Nós tivemos um projeto de professores, não projeto institucional, mas hoje se tornou um projeto do CEFID – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte. Os estágios da forma que estavam não davam mais. O aluno ia para a escola, cumpria a carga horária, voltava para a universidade, escrevia um documento, era aprovado. Onde está a reflexão? Onde está a construção? Onde está o olhar para aquele movimento? Então nós trouxemos alguns elementos para repensar, um deles foi um projeto integrador, que o aluno tinha que desenvolver, tinha que olhar para a universidade, tinha que entrar de frente para a escola, e sair de frente para a escola; e não entrar de costas e sair de costas para a escola.

Então, os alunos nas primeiras fases tinham que montar um projeto integrador com qualquer dinâmica, com qualquer disciplina, para que ele pudesse se integrar na escola e viver a escola naquele tempo de estágio. O que chama atenção na escola? Quais são os fatores que levam a investigar escola? A trabalhar com pesquisa na docência? E eles tinham que pesquisar algo que chamasse atenção. Obvio que nos primeiros semestres foram aplicar um questionário de motivação, que era o mais fácil para eles. Hoje eles olham essa pesquisa com outros óculos; eles conseguem ver o movimento de greve, a situação econômica-social dos alunos, as dificuldades de aprendizagem, os alunos com deficiência na escola, as relações de disciplina, as relações interpessoais, a mídia na escola, o sistema de educomunicação na escola, eco educação na escola; eles conseguem trabalhar com outras questões. Nós temos que inovar e eles socializam todas as informações. No último dia do semestre, eles socializam no formato de banner, apresentação, comunicação pessoal e científica, tudo no final do estágio.

Nós precisamos reorganizar, a universidade precisa se inovar. Então, eu penso: precisamos de propostas inovadoras na universidade, para que a gente possa trazer a inovação para a Educação Física no âmbito escolar. Se nós tivermos ainda aquele modelo: disciplinas práticas, disciplinas teóricas e disciplinas ao longo do semestre não conversando entre elas, a gente não consegue dar conta de um aluno ter a noção do todo. E, aquilo, para darmos responsabilidade para os alunos, eles também têm que agir com autonomia, eles precisam também olhar para sua formação, para o seu currículo, mas nós formamos um currículo para o nosso aluno engessado; onde decidimos as disciplinas do primeiro, segundo, ... até a oitava fase para o aluno; onde o aluno vai ter autonomia, se ele não tem possibilidade de fazer disciplinas eletivas. Precisamos trazer a inovação para os alunos. Precisamos mudar a proposta curricular dos cursos, para que os alunos tenham mais autonomia, oportunidade de decisão e gerenciamento na sua própria formação.

Os nossos alunos, eles chegam dentro de um processo tarefa e resposta, porque talvez o ensino médio tenha solicitado essas competências para ele. A competência de reflexão é a competência que vai até a escala 5. Cabe a nós na universidade fazer este processo. Mas não é na primeira fase que isso vai acontecer. É ao longo da formação. E esse processo de metamorfose é muito interessante. Quando nós somos professores da primeira fase, assumimos a terceira fase e novamente na sétima fase, a gente percebe o processo de metamorfose deles; eles já falam em conceitos, eles já conseguem se colocar no papel de professores, eles conseguem ter uma linguagem de professores.

Quando eu ministrava a disciplina de didática, que ministrei até o ano passado, eu dizia: agora chega, vocês são professores! Nós vamos falar como um professor fala! Nós vamos respeitar quando um professor fala. A gente tem uma conduta de ética profissional então precisamos incentivar isso na universidade. E eles dizem: professora, é um período em que a gente tem um choque, porque é o primeiro movimento que nós temos contato com a escola, com os autores, e assim sucessivamente. Eu digo assim: Que bom, mas vocês se enganam, vocês já têm esse conhecimento desde a primeira fase. Agora que nós estamos revisitando esse conhecimento. E eles passam a fazer isso. E uma das tarefas que eu dava era..., eles tinham que ir cinco vezes na escola ao longo do semestre, analisar o conteúdo da disciplina e verificar como que ele se materializa no ambiente da escola. É um trabalho em grupo! Alguns conseguem ir, outros não conseguem; mas eles conseguem fazer isso. Cabe a nós enquanto professores irmos fazendo esse movimento.

Daí tu trazés um elemento ainda muito jovem para nós que é a inteligência artificial (IA), a IA está aí, e não é muito difícil pegar um relatório que a gente sabe que não é do aluno, porque não é uma escrita dele, não é uma linguagem do aluno daquela fase, embora os alunos escrevam muito bem, alguns. Como que vamos lutar com isso? Sendo amiga da inteligência. Trazendo, olha, como que nós vamos fazer isso? Dando cursos de formação e nós enquanto professores nos qualificando dentro desse processo. Tudo é muito recente! A IA deve ser tal como quando instalaram a internet na universidade e sistema de computadores que a gente tinha que ter um disquete no DOS, lembra!? Era uma luta, nós não conseguíamos aprender a dar todos os comandos e as senhas e nós nos adaptamos muito bem! E hoje a gente só vai lá e com um *click* liga o computador, a inteligência também... se nós enquanto professores soubermos usá-la para o desenvolvimento da formação didático pedagógica acadêmica; mas se nós dissermos, vamos lá, perguntem para a IA e tragam a resposta, a quem cabe a reflexão!? Nós enquanto professores. Todo mundo dizia, quando a gente aprendeu a fazer análise de dados de pesquisa qualitativa com NVivo, todo mundo pensava que o NVivo fazia a mesma análise estatística que o SPSS. Não! Tu colocas os dados, tu colocas dentro do programa e tu solicita os cruzamentos, a reflexão é do pesquisador! Quase a mesma demanda da IA. Não podemos negá-la! se nós negarmos nós vamos negar o futuro da formação dos nossos alunos.

Fernanda, ainda há um hiato muito grande, há um abismo, entre graduação e pós-graduação; mas eu vou te dizer que ela está se alinhando. Ela está se reduzindo ao longo do tempo. Isso é uma situação que a gente precisa trabalhar. Precisamos cada vez mais inserir professores na pós-graduação, mas também temos que fazer com que os bons professores da pós-graduação estejam ministrando aulas na graduação, essa é a nossa grande questão. Isso é uma questão administrativa da universidade. Geralmente quem está na pós-graduação tem uma redução de carga horária na graduação. E isso, deveria ser ao contrário, porque o fomento da produção do conhecimento deveria estar na graduação, então eu vejo que a pirâmide pode ser invertida da forma como ela está posta para que a gente possa diminuir esse hiato entre graduação e pós-graduação. Eu atuo nos dois, na graduação e na pós-graduação, e tento fazer muito esse *link*, mas é difícil.

A pandemia trouxe na universidade, a evasão escolar! Perdemos muitos alunos! Muitas pessoas desistiram ao longo do caminho. Pessoas com potenciais que mudaram as suas trajetórias e nós não sabemos o porquê realmente. Mas a evasão foi um grande declínio da universidade. E o que ela trouxe de bom? Olhar mais para o aluno. Ressignificar os espaços... parece-me que houve uma expansão de

consciência de que o indígena precisa estar na universidade, o aluno com deficiência precisa estar na universidade, precisamos repensar o sistema de cotas, precisamos repensar o sistema de inserção e permanência dos estudantes na universidade, precisamos favorecer para que o aluno possa fazer essa transição de outros estados para que eles tenham uma maior permanência, precisamos olhar para a evasão escolar. Eu penso que antes da pandemia nós discutíamos as ações afirmativas, hoje as ações afirmativas são uma realidade institucional. Então, precisamos olhar, a universidade precisa estar aberta para o novo! Olhar esses alunos que estão fora da universidade.

Todas as universidades públicas, grande parte das federais, elas surgiram no tempo de ditadura, onde a universidade não era para todos. Nem no tempo que eu ingressei na década de 90, a universidade não era para todos; eu furei a bolha e tive sucesso. Mas hoje nós temos que garantir com todos os fatores limitantes que as pessoas tenham acesso e permanência na universidade. Eu acho que esta expansão a pandemia trouxe. Porque nunca se falou tanto em ações afirmativas na universidade como se fala hoje. Nunca se falou de grupos de excluídos da universidade como se fala hoje, como se tem esse processo de expansão. A própria UFPel, ela é um exemplo para as outras instituições. Era uma discussão que talvez fosse silenciosa, mas hoje ela se tornou uma discussão que teve seus resquícios em outras universidades, eu acho que a pandemia nos trouxe isso. Além do mais, nos trouxe a tecnologia, ... nos fez dizer: olha, se nós não investirmos em qualificação dos docentes, como as instituições privadas faziam...; as instituições privadas em termos de qualificação tecnológica estão anos luz na nossa frente, mas a universidade pública também precisa estar qualificada para isso. Então, eu vejo que a pós-pandemia trouxe esse novo olhar para a instituição. Da tecnologia para o humano. Já imaginaram se eu chegar em sala de aula e não tiver aluno!? A universidade não vive. Nós vivemos pelos alunos. O aluno entra pela porta do ensino e o ensino tem que ser a grande luta da universidade.

5 – Fernanda de Souza Teixeira: Dentro desse cenário atual, na tua visão, qual é a função dos docentes universitários na formação de futuros professores de educação física? E como ser este professor num contexto de desvalorização da profissão?

Gelcemar Oliveira Farias: Ser professores! Eu tenho um grupo de pessoas com quem eu círculo que amam ser professores. Eu particularmente, amo ser professora e acho que não saberia ter outra atividade profissional. Eu tive uma boa formação de professores que foram meus mentores e me formaram muito bem, então, a gente traz essas heranças pedagógicas no contexto da formação. Mas nós precisamos ser professores, olhar nosso aluno com mais carisma, com mais afeto, com mais dedicação para o nosso aluno. Hoje, nós estamos preocupados com a pesquisa, com o que nos faz crescer na universidade, mas a gente nunca pode esquecer que a nossa porta de entrada é o ensino. O ensino que é a nossa porta de entrada! O nosso marco maior na universidade é o ensino.

Então, eu penso que os professores, hoje, eles têm que desenvolver o papel da docência, participar mais de programas de formação continuada, se qualificarem mais para o exercício da docência, conhecer mais os alunos, olhar para a sala de aula como um espaço de formação, compreender melhor as dificuldades dos nossos alunos; hoje, nós não sabemos quem são os nossos alunos, quais são as dificuldades familiares que ele têm, quais são as dificuldades externas que eles têm; hoje, tá muito na moda termos o tênis Nike, Adidas; termos a melhor mochila, termos um *smartphone* melhor, termos um *iphone*, mas a gente não sabe o que está atrás daquele aparelho, quais

são os segredos dos nossos alunos; precisamos formá-los para ter uma formação altamente qualificada, para o incentivo a novas práticas pedagógicas; precisamos inovar na universidade; precisamos fazer mais espaços de discussão na universidade; precisamos estar mais presentes na universidade, cumprir nossa carga horária na universidade, para que a gente possa conhecer a universidade. Precisamos olhar a universidade como espaço de inovação e tecnologia, precisamos olhar a universidade como um espaço de intersecção de saberes, precisamos compartilhar com outros centros, com outros cursos, precisamos oferecer que o aluno tenha mais dimensão de bolsas de permanência na universidade; precisamos incentivar o nosso aluno ao ensino, para que essa gurizada tenha um futuro melhor, desempenhe como professores excelentes que são, de uma formação que tiveram na universidade. É isso que eu luto, sabe! Eu acho que esse é o nosso princípio maior!

Precisamos fazer com que os alunos conheçam os clássicos da história, as lutas da educação física, grande parte dos alunos não conhece; aquilo que fez quem viveu na década de 1980 sabe qual foi o movimento da educação física, quem viveu a década de 1990 e quem viveu a década de 2000 também tem que saber. Os nossos alunos precisam conhecer a história da docência e lutar pela docência, lutar pela profissão. Hoje alguns familiares dos alunos falam mal dos professores e os alunos falam junto. Não pode! Nem o professor que está hoje no ensino superior pode falar mal dos seus professores e da docência. Nós temos que valorizar a nossa profissão, a nossa profissão é muito linda, ela é muito rica, então cabe ao professor universitário, ocupando o espaço que está; um espaço de mudanças de percepções, ... fazer com que a docência seja valorizada na instituição e nós cumprirmos o nosso papel de docentes.

Eu acho que este não é o papel do professor na contemporaneidade, é o papel do professor ontem, hoje e amanhã, o professor tem que ser isso, o professor tem que dinamizar as suas práticas pedagógicas, e trabalhar com amor. Pode ser um olhar muito de quem está mais próximo da aposentadoria, do final da carreira, mas é um olhar de que eu sempre cultivei desde o princípio da educação básica e tento levar até hoje para os meus orientandos da pós-graduação, para os meus orientandos da graduação e no ambiente de trabalho que eu estou hoje. A docência é muito rica! Ela é muito linda! Acho que é esse o nosso papel! Sendo! Uma vez escolhida a profissão docente, é lutar! O nosso dia a dia, o nosso cotidiano, entrar em sala de aula, desempenhar o nosso papel e desempenhar as nossas funções pedagógicas e profissionais é uma luta constante, o professor luta constantemente.

Então, esse é o nosso grande desafio! O nosso grande desafio é todo o dia chegar em sala de aula e ministrar a melhor aula e, eu sempre digo: todo o professor tem que ser “metralhado” em sala de aula; temos que incentivar o aluno a questionar; mas não ser um aluno que só pergunta, mas que ele reflete sobre a sua pergunta; é muito fácil nós formarmos um aluno questionador somente, mas nós temos que formar o aluno a questionar. Hoje, o professor considera a melhor aula, aquela aula que o aluno não pergunta, e que o aluno entra mudo e sai calado. Essa é a pior aula do professor! A melhor aula é quando ele estimula o aluno a conversar com ele; estimula o aluno a dialogar com ele, essa é a melhor aula. Estamos em um espaço de desvalorização, sim, mas deixa eles desvalorizarem a profissão. Mas nós, não! Nós, nunca! Os nossos familiares, as pessoas que fazem parte do nosso grupo social, nós temos que almejar e valorizar e dar o exemplo, né!? Temos lado político A, temos lado político B e talvez um lado político C, sempre quiseram denegrir a profissão docente porque nós

somos formadores de opiniões, sempre quiseram fazer isso, mas não conseguiram fazer 100%. Acho que essa é a nossa demanda. E todo mundo que faz essa crítica teve uma formação na educação básica e passou por qualidade e excelentes professores; não acredito que não tenha nenhum que não tenha marcado a sua trajetória, acho que é muito mais um posicionamento político do que um posicionamento efetivo de desvalorização da profissão.

6 – Fernanda de Souza Teixeira: Atualmente estás em uma função de coordenação de ensino, participando de uma outra posição, desde a pró-reitora de ensino; como tu percebes, desde esta esfera, a formação inicial, e de forma mais específica, a formação inicial em educação física? E que ações vocês têm previsto para a melhoria da qualidade desse momento determinante da formação profissional?

Gelcemar Oliveira Farias: Faz um ano que eu fui convidada pela nova gestão. Foi uma surpresa muito grande estar na Coordenadoria de ensino de graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina! Foi uma grata surpresa! E eu fiz esse questionamento: por que eu? Aí tu vais olhar para atrás e vai ver o teu envolvimento nos GTs (Grupos de trabalho), o teu envolvimento nas comissões e que, de fato, tem essa luta pela educação, pela formação inicial na área da licenciatura. Foi um grande desafio! Tive que me desacomodar em muitas situações! Tive que ressignificar muitas questões que trazia comigo. Ressignificar qual o nosso caminho agora.

Hoje, nós estamos em um processo de mudança da universidade. Mudança de paradigma, mudança de gestão, mas uma mudança que não esqueceu o passado, que tem uma trajetória muito bonita na universidade, que foi construída pelas pessoas que me antecederam. O que nós temos feito e o que nós temos promovido? Que vai discutir, que seja reflexiva na universidade, não somente uma atividade burocrática, mas uma atividade pedagógica de ensino na instituição, buscando uma qualificação profissional dos professores.

Temos investido fortemente na formação continuada e em algumas situações que são marcantes nesse momento, como a questão da inserção curricular da extensão, como as reformas curriculares, que temos verificado em grande escala, bem como na área da Educação Física prestar assessoria nessa transição que nós estamos vivendo da reforma curricular de 2018 e 2019 que atende a resolução da formação de professores e agora pensando na reforma curricular da 04/2024. Então, a universidade tem se colocado nesse papel, enquanto pró-reitoria de ensino, de auxiliar os professores e os núcleos docentes estruturantes a repensar essa formação de professores que nós temos. É uma dura tarefa! Por que é uma dura tarefa? Porque nós não temos consenso entre as opiniões. Porque cada professor que está inserido hoje dentro dos cursos tiveram as suas histórias; tiveram as suas trajetórias; e essas histórias e essas trajetórias têm que ser respeitadas! As suas crenças também! Tem professores com muitas crenças instauradas e que não querem desarticular essas crenças, e está tudo bem! Nós temos que respeitar! A legislação tem que respeitar essas crenças de professores.

Mas, eu hoje, eu estou do outro lado da docência, que é a gestão da gestão, Fernanda, que me faz repensar que nós temos muito por fazer ainda, muito por pensar a universidade. E que, eu acho que a universidade ela caminha dentro de um processo de reflexão e construção de novo. Acho que assim que eu vejo hoje dentro desse cargo que estou ocupando. E a responsabilidade que eu tenho em ter essa coordenação e de respeitar todas as identidades dos cursos, porque nós não vamos olhar só

para a Educação Física, nós vamos olhar para os quase 60 cursos que a universidade tem. Cada curso tem a sua diretriz, cada curso tem as suas perspectivas, cada curso tem os seus grupos de professores e tem as suas identidades.

Então, olhar para o maior, saindo do núcleo da Educação Física e entrar no núcleo de outros cursos faz repensar o que é a universidade hoje, e qual é o papel social e educacional que ela tem na sociedade; e a universidade tem um papel muito importante aqui na formação dos estudantes catarinenses e nessa relação que nós temos com Santa Catarina. Então, voltando para a pergunta, como que a gente pode trabalhar isso? Qual é o papel da pró-reitoria de ensino? Qual o papel da coordenadoria de ensino de graduação? É ampliar as possibilidades de formação; fomentar grupos de discussão; fomentar a formação qualificada dos professores; diversificar seus espaços de ensino; orientar os professores na construção dos seus projetos pedagógicos; orientar os seus professores na construção das iniciativas para atendimento à legislação brasileira; e promover um ensino de qualidade.

7 – Fernanda de Souza Teixeira: Trouxeste como elemento da tua fala a interlocução entre universidade e escola, poderias discorrer um pouco mais sobre essa temática?

Gelcemar Oliveira Farias: Ah, eu adoro, Fernanda! Eu acho que aqui eu vou me sentir em casa. Aquilo que eu digo, a universidade tem que ir à escola e a escola tem que ir na universidade. E eu digo, a escola tem que ir na universidade, não só a escola enquanto escola, mas o sistema diretivo da escola, as secretarias de educação. Precisa haver mais parcerias, parcerias não por tempo, mas uma parceria longitudinal, não de gestão, mas longitudinal, nós precisamos fazer com que a escola esteja mais presente na universidade e não só no processo de coleta de dados na pós-graduação; mas os professores terem possibilidade de estarem na pós-graduação.

Acho que os mestrados em rede foram um grande processo de aproximação dos professores da escola com a universidade. Foi um passo muito significativo. Porque geralmente nos mestrados e doutorados acadêmicos quem ingressa são os alunos que já vem com uma bagagem da pesquisa na graduação. Então, acho que esses são elementos importantes que a gente possa pensar. E que os projetos de escola e universidade não sejam projetos de professores, sejam projetos institucionais. Hoje, com o fomento da curricularização da extensão na escola, desde a primeira fase, é uma grande aproximação nos cursos de formação e, isso está causando um grande movimento dentro dos cursos, porque, como que nós vamos na escola? Em nenhum momento eu vejo um salto qualitativo de valorizar essa situação, todas apresentam ainda como uma grande dificuldade. Hoje é! Amanhã não será mais! Porque nós vamos nos acomodar e criarmos a melhor forma de organização desses espaços, porque ele ainda é muito novo, esse movimento. Mas eu penso que também a universidade ela tem que sair de onde ela está e ela ir para a escola. Não só a escola vir para a universidade. A universidade precisa estar lá. Todos os professores do curso de licenciatura precisam ir para a escola. Como os professores dos cursos de bacharelado precisam ir para os ambientes não escolares.

Então, não é somente os professores que ministram disciplinas pedagógicas, ...professor da anatomia precisa ir para a escola, professor da fisiologia precisa ir para escola, da cinesiologia, da biomecânica, da iniciação científica, do TCC, esses professores precisam ir para a escola. Então, vencer

essa barreira é uma barreira muito grande, para que haja esse movimento universidade escola de uma forma muito mais acentuada. Porque, se não, fica sempre os mesmos professores indo para a escola, fazendo o mesmo movimento.

E nós precisamos também captar recursos para fazer parcerias entre universidade e escola. Existe fontes de fomento privadas e públicas que fazem esse movimento. Geralmente os sistemas de fomento dos estados, podemos fazer esse movimento; discutir com os professores, promover que os nossos professores das escolas participem das atividades na universidade. Veja bem, grande parte dos eventos nas universidades é pago. O professor da escola não tem um salário que possa pagar 100, 200, 300 reais. Opa!!! A universidade tem que dizer assim: para os professores da rede tem que ser evento gratuito. Nós estamos em uma universidade pública. Nós temos que oferecer atividades para o público. Para que os professores criem aderência. Temos que fazer parcerias com as secretarias para liberação desses professores participarem desses movimentos. Temos que convidar esses professores para a nossa sala de aula. Professor tem que se sentir valorizado pela universidade. Temos que oferecer um mínimo para esses professores, nem que seja um abraço.

Então, o que acontece, nós temos que desmistificar; nós temos que quebrar a barreira. Muitas vezes o professor tem a vontade e intencionalidade, mas a universidade não abre espaço para esse docente e a universidade tem que estar de portas abertas para o professor da escola. Eu digo isso, porque esse é um pouquinho do relato daquilo que nós fizemos que nos aproximou das redes de ensino e deu certo. Tanto é que, aqui no município de São José, nós, durante um bom tempo, compartilhamos, junto com a Secretaria de Educação, a formação continuada dos professores, tivemos que parar por conta da pandemia, mas dentro de um projeto de extensão, que foi muito bom. Dois professores da rede vieram fazer mestrado conosco. Então, esse é o grande incentivo. Se tivéssemos continuado teríamos talvez uma proposta de qualificar mais professores. Professor qualificado volta para a sua instituição com outro olhar, com outra perspectiva. Para a universidade também é isso. Mas não tem que ser um projeto do docente, tem que ser um projeto da instituição.

8 – Fernanda de Souza Teixeira: Ao longo de aproximadamente uma década as metodologias ativas foram enaltecidas, como algo necessário a ser utilizado, constituído e construído; estando atrelada a autonomia do aluno. Como percebes essas metodologias no contexto atual?

Gelcemar Oliveira Farias: Vou te contar uma história, o que eu sempre faço para os meus alunos, principalmente da pós-graduação. Como vocês se prepararam para vir para a aula hoje? Por que que eu começo a fazer essa pergunta na pós-graduação? Os nossos alunos da pós-graduação estão vindo para a sala de aula da mesma forma que o aluno da graduação. E aí, todo mundo fica em choque. O que tu leste? O que tu leste da aula anterior? Olhaste o plano de ensino da disciplina? Olhaste o cronograma? Tu sabes o tema que nós vamos discutir hoje? Alguns dizem que sim; outros dão aquela visitada no celular e, outros silenciam. Mas é melhor o que silencia. Porque ele assume. Eu não me preparei para vir para a aula. Eu trouxe o meu corpo para a aula.

Na pós-graduação não dá para ter mais aula assim, onde o conteúdo continua centrado no professor, o professor dinamiza o conteúdo e o aluno ainda vai buscar esse conhecimento sem trazer dele esse conhecimento. O que que as metodologias ativas fizeram? Inverteram. Fizeram a sala de aula

invertida; trouxeram que o aluno ao final não vai ter uma prova, mas ele vai ter a entrega de um grande portfólio onde vai ser o reconhecimento de toda a aprendizagem dele ao longo do tempo; o aluno vai assumir a responsabilidade.

Aqui na UDESC, houve um projeto muito interessante que chamamos de ESPINE (Espaço Inovador de Aprendizagem Pedagógica), foi muito interessante, porque nós saímos do ambiente da sala de aula, a disposição das classes é outra disposição, ... mas foi só um espaço. Não adianta ser só um espaço. Mas tivemos um avanço. Agora, como nós professores, na nossa essência, vamos reorganizar o nosso ensino dentro desse espaço? Esse é um grande desafio. Por quê? Porque vai depender muito mais da iniciativa individual do docente do que institucional. Eu acredito muito que as instituições brasileiras elas estejam fazendo a sua parte. Como aí na UFPel, provavelmente deve ter sido fomentado muitos cursos e atualizações para os professores; aqui na UDESC isso foi realizado.

Mas o professor também precisa querer mudar. Quem que vai mudar? Talvez não seja a nossa geração. É a nova geração de professores que estão entrando nos outros concursos pós-pandemia, esses professores estão revolucionando. Por quê? Eles já são tecnológicos, como nós não somos. Eles trazem inovações para a sala de aula. Eles conseguem ter a linguagem e a conversa muito mais próxima com o aluno. Eles conseguem ter uma identidade visual de vestimenta muito mais próxima com o aluno. Eles vão fazer a revolução. Esta é uma grande aposta. Os meus alunos da pós-graduação que estão assumindo os cargos, os postos universitários. Os teus alunos da pós-graduação que também vão ter outra dinâmica. E tem uma situação muito interessante: quem pode fazer a revolução é quem aprendeu com a revolução! Nós não aprendemos, nós aprendemos o ensino clássico de sala de aula e de ensino, mas nós buscamos a revolução. E esses alunos vão buscar essa metamorfose no ensino. Então, as metodologias ativas são importantes? São! São inovadoras, são ágeis, elas são versáteis para o nosso processo de ensino. Precisamos que elas venham acompanhadas do que? Da tecnologia. Então, precisamos formar os nossos alunos dentro dessa proposta, para que eles possam inovar.

Hoje nós temos universidades que, todos os cursos seguem propostas de metodologias ativas desde a primeira fase, e o professor tem que se adequar. Tem uma instituição, que nós gostamos sempre de levar os nossos alunos, que implementaram um sistema não disciplinar e as metodologias ativas no ensino, que tem professores que não conseguiram se enquadrar, e tá tudo bem; mas tem outros professores, que conseguiram se enquadrar, e o curso tem um sucesso e não tem evasão escolar, não tem problema de transferência, porque não tem nem vaga para transferência interna ou externa. Então, veja, são essas situações que mudam o sistema, mas depende também dos nossos gestores; o que eles querem oferecer e trabalhar dentro do plano de desenvolvimento institucional? O que querem como proposta de ensino?

E a gente nunca pode esquecer, Fernanda, que o que fomenta a universidade é o ensino, o nosso bem maior na universidade é o ensino. Mas algumas vezes parece-me que é esquecido. Não pode! O ensino é nosso bem maior da instituição de ensino superior! Então são essas questões. Mas eu penso que, trabalhar com metodologias ativas para que a gente possa pensar no futuro da formação dos nossos estudantes em todas as áreas de conhecimento, ela é o caminho. Mas a universidade precisa dar condições para que isso aconteça. Não é somente o espaço. Não é somente os totens, não é somente os computadores, não é somente a tela, ... é também a qualificação dos professores, a transformação das práticas pedagógicas no ambiente da universidade, e mudar a universidade; a biblioteca tem que

ser atrativa. Os nossos alunos não visitam mais a biblioteca, e a biblioteca é um espaço de aprendizagem riquíssimo. Lá que está o nosso corpo de pesquisadores, que escreveu sobre as nossas histórias, sobre o conhecimento produzido e gerado sobre determinada temática. Então nós temos que, a biblioteca precisa ser reformulada. Todos os espaços na universidade precisam ser reformulados, precisam ser incentivados não só na primeira fase, mas em todas as fases. Nossos alunos de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), eu faço buscarem os livros, embora sempre tenha um artigo científico, mas para que eles possam visitar aquele espaço de conhecimento. Isso é muito interessante. Isso é docência. A docência é isso. É ter uma docência com amor.

9 – Fernanda de Souza Teixeira: Gel, o que é ser professor na contemporaneidade?

Gelcemar Oliveira Farias: Essa é a pergunta de cem milhões de dólares! Te pergunto: quem quer ser professor hoje? Hoje, as pessoas querem ingressar na universidade ou querem ser professores da universidade? Eu quero ser professora!

Penso que ser professora da universidade é trabalhar ao longo da sua carreira, do seu tempo de formação, para que a gente possa adquirir mais habilidades e competências profissionais. Para que a gente possa trabalhar com a tutoria dos alunos; com o planejamento das nossas ações; desenvolver o conjunto de conhecimentos necessários e pedagógicos para a formação dos nossos alunos. É formar seres humanos altamente qualificados para atuação na intervenção profissional. É lutar contra as intempéries das políticas que nós temos hoje. É estar cada dia em mais desenvolvimento, até o último dia da atuação no ensino superior é atuar e formar e estar qualificado. É buscar a formação de estudantes na graduação e na pós-graduação, que possam estar inseridos no mercado de trabalho e fazer a diferença. É chegar em casa e receber uma ligação dizendo: professora aquilo que eu aprendi contigo eu coloquei na prática. É a satisfação que eu tive ontem de participar de uma banca de doutorado do estudante que foi meu aluno de graduação, fui banca dele de TCC, foi meu aluno na pós-graduação, foi meu supervisor de área no PIBID e ontem eu tive o privilégio de participar da banca de doutorado. Um excelente profissional que fez uma dedicatória lindíssima.

É isso! Formar pessoas com sucesso! Formar pessoas que queiram intervir! Formar pessoas que queiram fazer a diferença! Preparar professores para a mudança e para os desafios! Nós não temos um sistema quadrado, fechado e hermético; nós temos um sistema aberto que tem que ter pessoas abertas para o novo. Aquilo que eu digo: temos que lutar para mudar e fazer a diferença nos nossos projetos pedagógicos e inovar na universidade e trabalhar com alegria até o último dia, porque foi esta a profissão que nós escolhemos; o nosso juramento foi para isso. Eu tento valorizar o juramento que eu fiz em 1996. Esse é o grande legado!

10 – Fernanda de Souza Teixeira: Gratidão! Tem algum outro elemento que não foi perguntado ou ponderado, que tu gostarias de trazer?

Gelcemar Oliveira Farias: Eu gostaria de parabenizar toda a organização do grupo de estudos da UFPel, por estar participando desse dossiê; desejo sucesso, vai ser um convite à leitura dos textos. Que os textos possam realmente fazer essa diferença. Sempre fui uma defensora da Educação Física no

ambiente escolar, formar professores para a Educação Física escolar e acredito que o grupo de vocês esteja fazendo a diferença. Como eu disse no início, fico lisonjeada por esse convite; às vezes, a gente não consegue olhar para aquilo que a gente desenvolveu. A gente sempre acha que a gente fez o mínimo, a gente fez o mínimo, fez o mínimo. Mas se isso conseguiu tocar o grupo, eu espero que esta conversa possa auxiliar outras pessoas. Acreditem na sua trajetória! Não tenham medo de arriscar! Não tenham medo de mudar a sua trajetória pela questão do ensino, pela questão da educação. Lutem pela educação brasileira! Lutem pela educação da sua universidade! Façam a diferença! Movimentem os seus colegas! Movimentem os seus alunos! Nós temos pessoas que não gostam da gente mesmo, porque a gente trabalha muito. Mas não se arrependam por isso, porque a mudança a gente vai ver logo ali, e quem não quiser continuar vai ficar para trás; não tem problema, porque aquele tempo de caminhada com aquele colega, agora é um outro tempo de trabalho. Sou muito feliz com os colegas que eu tenho no meu laboratório, porque pensamos diferente, mas trabalhamos juntos! Essa é a grande questão! Espero que a UFPel, o grupo de estudo, tenha também esse sucesso como tem, eu sei que tem, e que vocês continuem formando e sendo mentores de muitos alunos. Que esse legado fique. Só tenho a agradecer a possibilidade desse tempo de conversa que nós tivemos.

A entrevista foi encerrada com agradecimentos, destacando a importância da consciência de uma trajetória profissional e seus legados, a partir da sabedoria recebida daqueles que vieram antes; por todos os que nos antecederam. E, sobretudo, do trabalho em grupo e das parcerias.

Recebido em: 6 de julho de 2025.

Aprovado em: 19 de julho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/rebs.v16i2.13906>

ⁱ Gelcemar Oliveira Farias. Doutora em Educação Física, na área de Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Federal de Pelotas. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Práticas Pedagógicas da Educação Física. Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de pesquisa Estudos Sociocomportamentais. Coordenadora de Ensino da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2157963864937275>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3552-3437>

E-mail: fariasgel@hotmail.com

ⁱⁱ Fernanda de Souza Teixeira. Doutora em Ciencias de la Actividad Física y del Deporte pela Universidade de León, Espanha. Especialista em Fisiologia do Exercício Físico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas. Professora colaboradora do programa de Pós-Graduação em Educação Física nas linhas de Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde, e de Formação Profissional e Prática Pedagógica na Escola, da Universidade Federal de Pelotas.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0606990595602209>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7819-9142>

E-mail: fteixeira78@gmail.com